

Índice

União Europeia advertida dos abusos no México	01
Relatório mostra os perigos na mina	02
Suspensas as greves na Mercedes da Espanha	02
Mundo caminha para o terceiro choque energético	03
Sul-coreanos protestam contra acordo com os EUA	04

União Europeia advertida dos abusos no México

Uma delegação sindical internacional fez um apelo à União Europeia para que ela apoie o Sindicato dos Mineiros do México que está sendo alvo da repressão governamental e de ataques do Grupo México.

Uma delegação da Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM) esteve em Bruxelas e Londres na semana passada para expor e provar para a Comissão Europeia como um sindicato mexicano independente está sendo alvo da repressão do governo e de ataques e da empresa transnacional Grupo México.

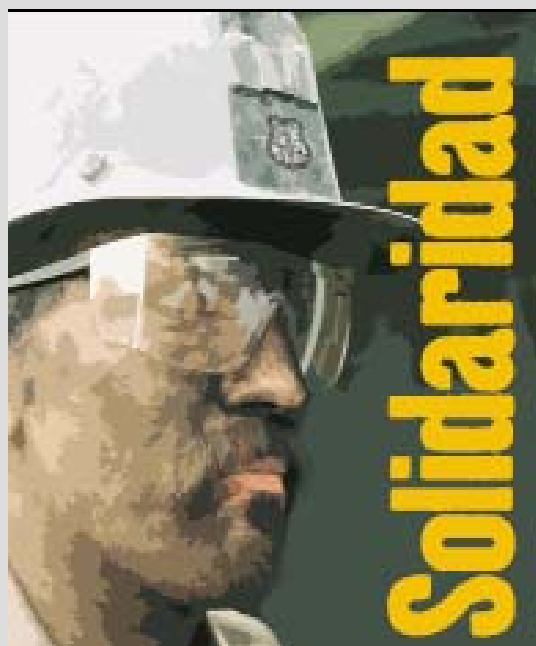
A repressão do governo mexicano chegou ao ponto de cassar o reconhecimento legal de Napoleón Gómez Urrutia, o secretário geral do Sindicato dos Metalúrgicos e Mineiros Mexicanos (SNTMMSRM) e de outros dirigentes eleitos, com base em evidência forjada e de apresentar denúncias criminais contra Gomes e o sindicato sem base de apoio, desmentidas por uma auditoria realizada nas finanças do sindicato por uma empresa internacional especializada.

O governo mexicano também lançou tropas militares e de segurança contra o sindicato, que resultou na morte de três membros; reconheceu um sindicato pró-empresa e realizou "eleições" onde os trabalhadores foram forçados a votar em frente de diretores da empresa e recusou-se a punir diretores do Grupo México responsáveis pela morte de 65 mineiros na explosão da mina de Pasta de Conchos em fevereiro de 2006.

Existem, além disso, sérias alegações de que o Grupo México estaria por trás do recente assassinato de Reinaldo Hernández González, e da prisão e tortura de 20 membros do SNTMMSRM em Nacozari, estado de Sonora.

Um representante da FITIM e sindicalistas representando o SNTMMSRM, o sindicato dos siderúrgicos dos EUA, o United Steelworkers (USW) e do sindicato inglês Unite encontraram-se com uma série de funcionários europeus, incluindo Erika Mann, presidente da Delegação Parlamento Europeu – Parlamento Mexicano, para pedir que a UE valha-se da próxima conferência parlamentar conjunta EU - México em Bruxelas para colocar um fim a esses ataques.

>>>>>>>>>>



Juan Luis Zuniga, integrante da delegação da FITIM e membro do Comitê Nacional do SNTMMSRM, explicou: "Nós viemos à Europa para pedir ajuda para por fim nesses repetidos ataques e gostaríamos de obter garantias do governo mexicano que vai terminar a perseguição aos líderes sindicais e que os trabalhadores mexicanos poderão ter os seus direitos humanos básicos respeitados".

Fernando Lopes, diretor de Projetos e Desenvolvimento Sindical da FITIM, que integra a delegação, acrescentou, "Nos últimos anos a UE e o México estabeleceram um relacionamento próximo e duradouro e nós gostaríamos de ver essa relação ser usada não apenas para operações comerciais, mas para fazer progredir a justiça social e os direitos humanos". (AG) (FITIM, 06.11.2007)

Relatório mostra os perigos na mina

Os trabalhadores da maior mina mexicana de cobre estão expostos à perigosos níveis de pó mineral e nevoa acida conforme o relatório de pesquisa divulgada nesta semana pelo sindicato.

O sindicato nacional dos mineiros, o SNTMMSRM, quer uma "maciça operação de limpeza" antes que o Grupo México reabra a mina.

Em 30 de julho ultimo, cerca de 1200 trabalhadores entraram em greve para protestar contra as condições de segurança e ambientais na mina de Cananea, a cerca de 50 quilômetros da fronteira com o Arizona, EUA.

O coordenador da pesquisa, Garrett Brown, disse à Associated Press que um especialista em pulmão dos EUA, dois médicos mexicanos e três especialistas em segurança industrial fizeram o relatório depois de visitarem a mina e de entrevistarem e examinarem os pulmões de 68 trabalhadores,

Brown é especialista em saúde industrial e fundador da ONG de Berkeley, Califórnia, "Maquiladora Health and Safety Support Network" (Rede de Apoio à Saúde e Segurança nas Maquiladoras). O sindicato dos siderúrgicos norte-americanos, o USW, pagou as despesas da viagem do grupo ao México. "O lugar é uma espécie de pesadelo", disse Brown.

Os especialistas "encontraram uma alta concentração de pó de sílica, que é carcinogênico. Eles apuraram que a companhia não está implementando o seu plano de segurança. Eles apuraram uma inadequada ventilação na mina, a falta de equipamento de segurança e uma alta taxa de acidentes – problemas que, desafortunadamente, nós estamos acostumados a ver na indústria mexicana de mineração e especialmente no Grupo México", disse Ben Davis, do Centro de Solidariedade da AFL-CIO na cidade do México.

"Este relatório deve servir como um alerta para o Grupo México e German Larrea," disse Manuel Armenta subdiretor do sindicato Local 12 do USW no Arizona. "Nos estamos tentando prevenir que ocorra outro acidente como o de Pasta de Conchos."

O Grupo México também tem minas nos Estados Unidos, nos estados do Arizona e no Texas, operadas pela sua subsidiária Asarco.

Suspensas as greves na Mercedes da Espanha

Os trabalhadores e trabalhadoras da fábrica da Mercedes em Sant Andreu, próximo à Barcelona, resolveram acatar a proposta do Comitê da Empresa de suspender as greves programadas e de voltar às mesas de negociação com um gesto de boa-vontade.

Como se recorda os trabalhadores iniciaram uma jornada de greves para protestar contra a intenção da empresa de fechar a fábrica e dispensar seus trabalhadores. Os trabalhadores suspenderam as greves programadas para 13 e 15 de novembro.

A direção da empresa propôs ao sindicato aproveitar 258 trabalhadores na empresa Estampaciones Sabadell em Esparreguera (Barcelona), continuando sob contrato com a Daimler-Mercedes Benz, uma reivindicação dos trabalhadores desde o anúncio de fechamento da fábrica.

Os sindicatos continuam lutando por uma solução satisfatória para os outros trabalhadores.

Mundo caminha para o terceiro choque energético

Ao contrário das outras crises, demanda puxa alta do petróleo, e não razões geopolíticas.

Com os preços do petróleo se aproximando da simbólica marca dos US\$ 100 por barril, o mundo está caminhando para seu terceiro choque de energia em uma geração. Mas a alta atual é fundamentalmente diferente de passadas crises do petróleo, e suas consequências mundiais serão mais amplas e mais duradouras.

Da mesma forma que nas crises de energia dos anos 70 e 80, os elevados preços atuais do petróleo vêm causando ansiedade e sofrimento aos consumidores e gerando temores mais amplos quanto ao seu impacto sobre a economia como um todo.

Ao contrário de outros choques do petróleo, causados por súbitas interrupções nas exportações do Oriente Médio, desta vez os preços vêm subindo firmemente à medida que cresce a demanda por gasolina nos países desenvolvidos, centenas de milhões de chineses e indianos ascendem da pobreza à prosperidade e outras economias em desenvolvimento crescem em ritmo escaldante.

"Esse é o primeiro choque de energia causado por demanda que o mundo já enfrentou", disse Lawrence Goldstein, economista da Fundação de Pesquisa de Política Energética.

As previsões quanto ao preço futuro do petróleo variam amplamente. Alguns analistas consideram que ele pode cair a US\$ 75 ou até menos no ano que vem, enquanto uns poucos observadores projetam preços da ordem de US\$ 120 por barril.

Virtualmente ninguém diz acreditar em um retorno ao preço praticado a uma década, de US\$ 20 por barril, o que significa que os consumidores precisam se preparar para uma era de custos muito mais altos para os combustíveis.

A raiz dessa alta chocante do petróleo -que já ultrapassa os 50% neste ano e atinge os 365% na última década- é um desdobramento positivo: a expansão sem precedentes que a economia mundial está vivendo.

A demanda da China e da Índia deve dobrar nas duas próximas décadas, à medida que essas economias continuam a se expandir e seus cidadãos optam por comprar mais carros e por viver em cidades, em busca de um estilo de vida que os ocidentais vêm como comum.

Mas, à medida que sobem os preços, a economia mundial passa a navegar por águas inexploradas. A alta até o momento não parece estar prejudicando o crescimento, porém muitos economistas se questionam sobre quanto tempo mais essa situação pode durar. "Os preços atuais são muito altos e terminarão prejudicando igualmente a todos, produtores e consumidores", disse Faith Birol, economista-chefe da Agência Internacional de Energia.

O preço do barril de petróleo terminou a última sexta-feira cotado a US\$ 96,32 na Bolsa de Nova York e durante a semana passada chegou a valer US\$ 98,62, antes de recuar. O preço do produto se tornou volátil, e muitos analistas esperam que o marco dos US\$ 100 por barril, considerado importante em termos psicológicos, seja superado em algum momento das próximas semanas.

"Os mercados atuais se parecem com a torcida que se levanta para incentivar seu time a atacar nos minutos finais de uma partida de futebol americano", disse Daniel Yergin, historiador do petróleo e presidente da consultoria Cambridge Energy Research Associates. "As pessoas chegam a parecer mais relaxadas quanto ao preço de US\$ 100 por barril do que pareciam diante de uma cotação de US\$ 60 ou US\$ 70."

O petróleo não está distante de seu pico histórico de preços, atingido em abril de 1980, um ano depois da revolução islâmica iraniana. Considerada a inflação, o barril então chegou a ser cotado a US\$ 101,70, em dólares atuais.

Pela maior parte do século 20, enquanto promovia a transformação do mundo moderno, o petróleo foi tanto barato quanto abundante. Ao longo dos anos 90, por exemplo, os preços médios do petróleo foram de US\$ 20 por barril. Mesmo com os altos preços praticados agora, ele ainda sai mais barato que água mineral importada, que custaria o equivalente a US\$ 180 por barril, ou que o leite, cujo barril custaria US\$ 150. (*Jad Mouawad, do "New York Times"*) (*Folha de S.Paulo, 12.11.2007*)

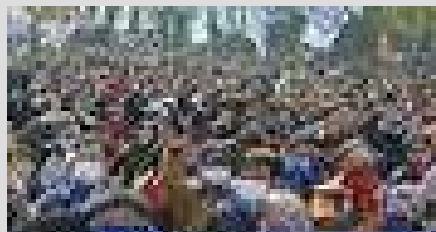
Sul-coreanos protestam contra acordo com os EUA

Sul-coreanos rechaçam acordo de livre comércio com os EUA

A polícia tentou dispersar os manifestantes com jatos d'água e começaram os confrontos. Alguns manifestantes começaram a apedrejar a polícia e tentaram virar alguns ônibus que transportavam policiais para as áreas de confronto. A polícia afirma ter detido 100 manifestantes e informou que dez policiais ficaram feridos.

Organizadores dos protestos dizem que cerca de 50 manifestantes foram feridos pela polícia, muitos dos quais levaram golpes de cassetetes nas cabeças. Segundo os organizadores, 50,000 pessoas tomaram parte nos protestos, ocupando uma avenida inteira e gritando contra o acordo de livre-comércio, enquanto a polícia estima que 20,000 pessoas participaram da marcha.

[Clique aqui para ver vídeo do protesto](#)



"Nós vamos nos opor à aprovação do tratado de livre-comércio, porque ele aprofundará as polarizações na nossa sociedade," disse Woo Moon-sook, a porta-voz da Confederação Coreana de Trabalhadores no Comércio, uma das organizações que participaram do protesto de hoje. A manifestação ocorreu próxima à Prefeitura de Seul, no centro da capital.

O acordo de livre-comércio entre Coréia do Sul e os EUA precisa ainda ser aprovado pelos Congressos dos dois países antes de entrar em vigor. O acordo foi assinado entre representantes comerciais dos governos em junho deste ano, após meses de negociações para reduzir ou eliminar tarifas de importação nos dois países.

O acordo envolve comércio de produtos e serviços. O governo sul-coreano já submeteu o pacto à Assembléia Nacional em setembro. Ontem, o presidente sul-coreano, Roh Moo-hyun, disse que seu país ficará para trás na economia global sem o acordo de livre-comércio com os EUA, ao dizer que o pacto dará à Coréia do Sul uma chance de se mover em frente na economia.

Oposição

A Coréia do Sul "precisa do acordo com os EUA," disse Roh em uma entrevista à emissora de televisão estatal KTV. O acordo de livre-comércio será o maior para os EUA, em termos de volumes negociados em importação e exportação de produtos e serviços, desde que o Nafta foi negociado com México e Canadá em 1994. Também para a Coréia do Sul será o maior pacto de livre-comércio.

Ambos os governos dizem que o acordo acelerará o crescimento econômico, mas alguns grupos, como os fazendeiros e trabalhadores na Coréia do Sul, e sindicalistas americanos, têm se oposto ao pacto. Embora o acordo exclua o livre-comércio de arroz - um grão que é chave para a agricultura sul-coreana - fazendeiros temem que outros grãos dos EUA inundem o mercado local abaixo preço, ameaçando a sua sobrevivência.

"Os fazendeiros sul-coreanos serão as maiores vítimas desse acordo de livre-comércio," disse Lee Young-soo, um fazendeiro que participou da passeata. (*Tribuna da Imprensa*, 12.11.2007)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT

Secretário Geral: Valter Sanches

internacional@cnmcut.org.br